

Rota 40, Patagônia

Sentir a força do vento; caminhar às margens de lagos que refletem vulcões nevados, de formas perfeitas; presenciar geleiras descomunais, que avançam e retrocedem; conhecer bosques verdejantes, que se petrificam. Esses são apenas alguns motivos que atraem milhares de pessoas todos os anos a essa terra indômita chamada Patagônia, tão presente no imaginário das pessoas

Por André Dib

Patagônia, dona de natureza colossal, já foi elencada pelo jornal inglês The Guardian como o lugar mais belo do mundo. Status discutível, diante de tanta diversidade no planeta. O que não se pode negar é que esse destino é, sem sombra de dúvida, a própria síntese da beleza.

Na Patagônia, a vida pulsa sob uma transitória inquietude. A natureza, além de bela, é dura, rude, e os desastres naturais ainda são rotineiros. Percorrer esse caminho pode ter um sentido mais amplo. Além do próprio destino, que inspira deslumbramento, a hostilidade do lugar, seja pelo clima mutante ou pela geografia desafiadora, nos faz sentir todo o vigor da vida diante de nós.

Parque Nacional Lanin

Seguindo a RN40, deixamos pra trás a região de Cuyo, para vencer a imensidão geográfica que sempre nos exige enormes deslocamentos, e ingressamos, enfim, na região da Patagônia. A primeira província é Neuquén e, logo nas primeiras curvas, a paisagem muda abruptamente e o vento sacode o carro com vigor. Nosso próximo destino seria a região dos lagos andinos. Optamos por San Martín de los Andes como cidade base para explorar o Parque Nacional Lanin, que resguarda em seus limites, além de bosques de alerces, cascatas, rios, montanhas e geleiras, o lendário vulcão Lanin. O vulcão é o



mais alto e majestoso da região e exerce um fascínio difícil de explicar. O parque foi criado em 1937 e possui excelente infraestrutura. Restaurantes, hotéis e cabanas de serviços oferecem algum conforto aos visitantes. Os mais de 400 mil hectares são um convite a uma infinidade de atividades ao ar livre, entre elas, canoagem, mountain bike, trekking, pesca e montanhismo. Às margens dos lagos Huechulafquen, Lácar, Paimún, Curruhue e Lolog, que são alimentados pelas geleiras, existem várias trilhas, de todos os níveis técnico, para caminhantes despreparados e até mesmo para trekkers mais experientes.

Apesar da diversidade natural, e das dimensões colossais do parque, o vulcão de formas perfeitas ainda é o protagonista principal. Com 3747 metros, nos dá a exata dimensão da nossa pequenez diante do mundo e da natureza a nossa volta. Conhecer toda a grandeza do Lanin, do alto, é uma experiência cansativa,

mas inesquecível. São dois dias de empreitada. Para isso, é preciso pagar uma permissão especial, possuir equipamentos de escalada em gelo e estar, necessariamente, acompanhado de um guia de montanha. Os poucos aventureiros que conseguem chegar ao cume da montanha, em dias claros, são contemplados com a extasiante vista de sete vulcões nevados, entre o Chile e a Argentina, entremeados por lagos que, vistos do alto, possuem cores ainda mais exuberantes.

Lagos andinos

Às margens do lago Lácar, San Martin de los Andes traz em sua arquitetura a típica cidade alpina. A cidade é formada por chalés de madeira e cabanas rústicas, mas tudo com certo requinte. No verão, os jovens transitam em trajes de banho, embalados pelo som do momento. Butiques de grife, restaurantes finos e



cafés também compõem o cenário, além das agências de turismo, que oferecem atividades para o ano todo. O lago possui belas praias, que são um convite nos dias mais quentes a um banho ou à prática de esportes náuticos. No inverno, a cidade fica tomada por praticantes de esqui em busca das montanhas nevadas ao redor do município. É em San Martin que se ramifica um dos trechos da Rota 40, e um deles, o mais belo, ganha o nome de “Rota dos Sete Lagos”. Trata-se de um caminho tortuoso, que vai contornando bosques verdejantes, montanhas

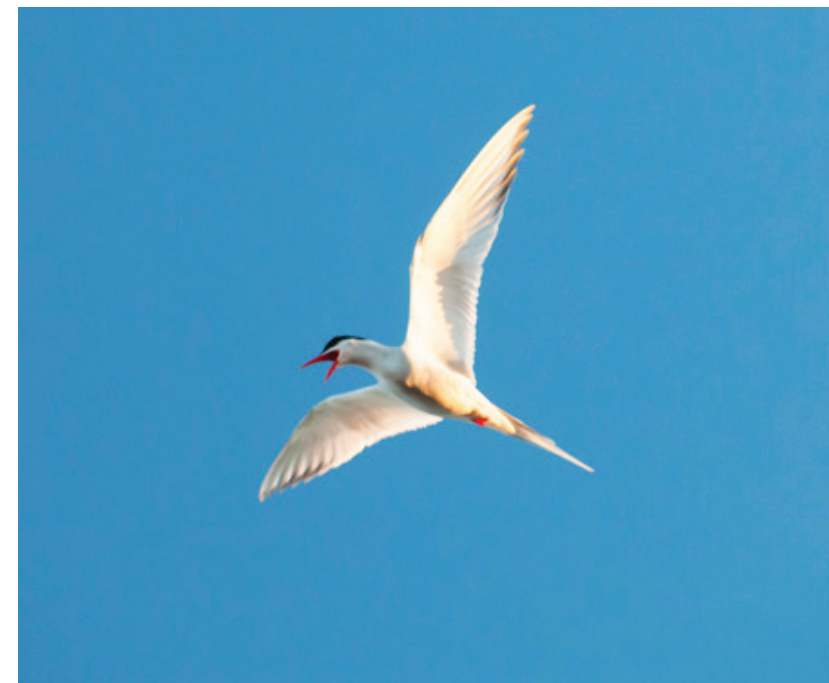
nevadas e lagos de todas as cores. Essa estrada é uma versão meridional da lendária estrada canadense Icefields Park. É ali que se encontra outra grande riqueza da Patagônia, a pesca, fazendo desse trecho o verdadeiro paraíso dos praticantes flyfishing. No caminho, passamos pela charmosa Villa la Angostura, rodeada pelos lagos Correntoso e Nahuel Huapi. A pequena cidade argentina também tem dois períodos de alta temporada: lindas praias no verão e muitos turistas em busca de esportes de montanha no inverno. Sua população, que é de 15 mil habitantes, se multiplica



nas temporadas. Seguindo viagem, pastagens e ovelhas surgem em meio a bosques de alerces, cortados pela RN40, até chegarmos ao ponto final da “Rota dos Sete Lagos”, a cidade de San Carlos de Bariloche.

Parque Nacional Nahuel Huapi

Essa parte mais popular da Patagônia, a meio caminho entre a capital nacional do vinho, Mendoza, e as geleiras do extremo sul, é invadida no inverno por brasileiros em busca das aulas de esqui, do fondue ou de um bom vinho em frente à lareira. No verão, os europeus tomam conta de Bariloche, atraídos por uma infinidade de trilhas, pelas montanhas e bosques. As mais conhecidas estão dentro do Parque Nacional Nahuel Huapi, que possui vários acessos. Em todo eles é possível acessar as mais famosas paisagens patagônicas. As trilhas são bem sinalizadas e os mapas distribuídos nas entradas do parque oferecem vários roteiros. Aos mais experientes, recomenda-se a subida ao refúgio Otto Melling, usado por escaladores como ponto de apoio para ir ao Cerro Tronador. A Cabana, de aspecto acolhedor, serve chá quente, tortas e algumas guloseimas, e está pronta para devolver o ânimo aos caminhantes inveterados, que têm que encarar mais de quatro horas de caminhadas para esse roteiro. Contudo, impressionante mesmo é o próprio Tronador, que exhibe seus cumes, sendo um argentino, um chileno e um terceiro que delimita a fronteira dos dois países. O gigante pode ser avistado de muito longe. Ao redor do vulcão encontram-se oito geleiras e glaciares, que avançam e despencam pelos flancos



da montanha, originando ruídos que ecoam pelos vales. Esses estrondos foram responsável pelo seu nome. Nos campos limpos de Pampa Linda, se pode notar as pedras lançadas pelo vulcão, a muitos quilômetros. Algumas delas, com mais de uma tonelada, testemunham a força de um fenômeno como este. Apesar de ser geologicamente ativo, estima-se que sua última erupção já ultrapasse os 10 mil anos. Toda essa calma, entretanto, não condiz com a evolução geológica dos Andes, que não muito raro faz a terra tremer, e os desastres naturais ainda são rotineiros. Esses picos intempestivos tem deixado a população sempre em alerta. Em junho de 2011, o vulcão chileno Puyehue, na fronteira, mostrou toda sua fúria. Segundo José Ballenas, gerente de um hotel de luxo em Bariloche, o dia virou noite, e a escuridão tomou conta da cidade por três dias. O fenômeno provocou o cancelamento de todos os voos, por vários dias, e todas as estradas de acesso também foram fechadas, por conta da espessa camada de cinzas, deixando Bariloche isolada. Isso representou uma queda de 83% no turismo daquela temporada. A nuvem negra também se espalhou com muita rapidez, tingindo os céus de Buenos Aires e fechando os aeroportos da capital



portenha, a 1600 quilômetros de distância. A população, porém, já se acostumou com a natureza instável e convive em harmonia nesse universo de humor inconstante. Desmedidos, imponentes, temidos e belos. Responsáveis por grandes tragédias, os vulcões ainda instigam nossa imaginação e nos lançam em nossa perplexidade. Sua força excessiva e descomunal nos lembra o quanto somos ínfimos diante das forças naturais do planeta.

Parque Nacional Los Glaciares

O odômetro indicava mais de sete mil quilômetros rodados e, pelos cálculos, ainda faltavam nove mil. Por isso deixamos logo pra trás a região dos lagos, rumando para o sul em busca dos grandes glaciares, onde se assenta uma das maiores massas de gelo continental do planeta. Cruzar a Patagônia de carro não é tarefa tão simples. Exige enormes deslocamentos em terras isoladas, onde a logística do combustível deve ser minuciosamente calculada. Não precisamos carregar combustível extra, mas, por vezes, chegamos aos postos de abastecimentos com

apenas algumas gotas no tanque. Pouco mais de 1300 quilômetros vencidos, nesse trecho, e já chegando em El Chaltén, avistamos o verdejante lago Viedma, alimentado por um grande glaciar, e, ao fundo, um dos símbolos máximos da Patagônia, o onipresente Cerro Fitz Roy. É muito difícil ver a capa de um livro de fotos ou de um cartão postal da região em que não figure a montanha, imponente, ao fundo. Enxergar as silhuetas desses enormes pontões de granito, para mim, que já sonhei por tantos anos com essas paragens, é algo emocionante e até difícil de explicar.

Apesar de sua altitude, relativamente modesta, em comparação aos gigantes andinos, seus paredões vertiginoso, de granito, se espicham por quilômetros, verticalmente, representando um dos maiores desafios do mundo à escalada de grandes paredes, e já vitimou uma infinidade de escaladores que ousaram desafiar esse ícone do montanhismo mundial. Em 2011 foi a vez do presidente da Federação de Montanhismo do Rio de Janeiro, o experiente Bernardo Colares, que sucumbiu diante das paredes infundáveis do Fitz. Além das questões técnicas, exigidas



numa escalada dessa magnitude, o grau de dificuldade aumenta significativamente por conta da instabilidade do tempo, que ocorre nessa porção meridional da cordilheira por quase todo o ano. Além do Fitz, outras agulhas rochosas também compõe o cenário, entre elas o Cerro Torre, e as Agulhas Poincenot, que também instigam os melhores escaladores do planeta.

O mais comum, porém, é chegar em e não avistar absolutamente nada. Devido às intempéries do clima e dos célebres ventos patagônicos, o conjunto montanhoso está quase sempre encoberto pelas nuvens. Com um tanto de sorte, se pode avistar a montanha, que quando é atingida pelos primeiros raios de sol, ao amanhecer, vai ganhando um aspecto avermelhado, que vai aumentando gradativamente, até atingir a saturação máxima em um vermelho muito intenso, vivo e profundo. Talvez seja essa a imagem, de toda a viagem, que mais nos impressionou. Em uma das versões, esse espetáculo singular justifica o nome indígena da cidade, que no dialeto tehuelche, dos habitantes primitivos,

significa montanha de fogo. Ao presenciar o fenômeno, deu pra imaginar o que esses povos sentiam diante da montanha.

A cadeia montanhosa está no setor norte do Parque Nacional Los Glaciares, lado mais selvagem e intocado e que, justamente por esse motivo, ainda não foi contaminado pelo turismo de massa. A cidade é conhecida como a capital nacional do trekking e vive exclusivamente dos serviços aos turistas e aventureiros. Entre eles um número cada vez maior de brasileiros, atraídos pela diferença dessa geografia e pelo cenário exótico desse pedaço exclusivo da cordilheira. Das ruas da cidade se acessa uma infinidade de trilhas, que na maioria das vezes leva para a base dos mirantes e lagos, com as montanhas, em questão. Algumas trilhas necessitam de preparo e equipamentos adequados. Outra experiência peculiar é buscar uma operadora que ofereça um trekking no gelo, pelos glaciares que contornam as montanhas. As agências oferecem pacotes completos, com guias, transporte até o glaciar, alimentação e todo o equipamento necessário





para a empreitada. Apesar de tudo conspirar para a aventura, o destino também dispõe de roteiros mais leves, e não menos contemplativos, como a Laguna del Desierto, há poucos quilômetros de carro. As florestas frias, como são os glaciares são chamados pelos argentinos, resguardam uma riqueza biológica incalculável. Entre as espécies de animais ali encontradas, destaca-se o V, um tipo de cervo que tenta escapar da extinção. A cidade conta também com pousadas confortáveis, bares, lojas com as melhores marcas de equipamentos de montanhismo, e excelentes restaurantes, que têm como especialidades a verdadeira “trucha a la plancha” ou o típico cordeiro patagônico.

A duzentos quilômetros ao sul de Chaltén, encontra-se charmosa cidade de El Calafate, às margens do lago Argentino. Além da agradável arquitetura, dos melhores restaurantes do sul do país e das opções de hospedagem de alto padrão, o destino serve como base para se conhecer a parte sul do Parque Nacional Los Glaciares, que resguarda um dos grandes patrimônios naturais da humanidade, o glaciar Perito Moreno, que atrai milhares de turistas de todo o mundo. Essa imensa massa de gelo, que se debruça sobre o lago Argentino, faz com que o parque seja o mais frequentado de todo o país. O glaciar é proveniente dos Campos de Gelo Sul, que é a terceira maior calota de gelo continental da terra e que se estende por 16.800 km², entre o Chile e a Argentina. Nos limites do parque existem mais de trezentos glaciares, e o Perito Moreno não é o maior deles, status defendido pelo glaciar Upsala. O que atrai esse enorme número de visitantes, que se apinham nos quilômetros de passarelas dispostas diante do paredão branco azulado, é o espetáculo da ruptura de enormes blocos de gelo, que despencam de mais sessenta metros de altura nas águas geladas do lago e ressoam por quilômetros. Além do visual que impressiona, estar diante das geleiras é uma experiência, sobretudo, sensorial.

Depois de 25 dias margeando a cordilheira dos andes, a Rota 40 dá uma guinada a leste, e nos coloca em direção ao seu final, à beira do oceano Atlântico, e todos os cenários montanhosos desaparecem. Uma das características mais peculiares da patagônia argentina é justamente essa, duas regiões distintas: a Patagônia Andina, que é úmida e montanhosa, sempre perme-



ando a cordilheira, e a outra, conhecida como Patagônia Atlântica, que tem como características o relevo plano e a escassez de chuvas, possuindo uma fauna marinha farta e impressionante. Baleias, orcas, elefantes e lobos marinhos, além de uma infinidade de pássaros migratórios e pinguins, são sempre avistados ao longo do ano. Entre uma e outra, correm os últimos trezentos quilômetros da estrada mais longa e esplendorosa do país. Nesse trecho, percorremos as estepes patagônicas, nos limites meri-

dionais do planeta, e a rota chega a bordear o enigmático Estreito de Magalhães. Esse braço de mar, nem tão estreito como o nome sugere, é uma passagem que liga o Atlântico ao Pacífico, cortando o continente, e foi descoberto em 1520 pelo navegador português Fernão de Magalhães, marcando, com essa viagem, a primeira circunavegação do globo terrestre. Nessa passagem, o navegador chamou as terras à sua esquerda de Terra do Fogo e as da direita de Patagônia. Em uma das versões, a palavra





“patagônia” se refere ao primeiro encontro de Magalhães com os nativos, que segundo o relatos do próprio desbravador português, eram gigantes e foram chamados de “patagons”, em referência aos pés enormes, cobertos com pele de animal. Passamos pela cidade de Rio Gallegos e partimos ansiosamente para a Reserva Natural de Cabo Virgenes, onde o estreito encontra o oceano Atlântico, marcando o final da Rota Nacional 40. Chegamos ali, às margens do oceano, por volta das 22h30, e o sol

ainda brilhava. Nessa latitude, no verão, o sol perdura por cerca de dezessete horas, e é comum curtir um pôr do sol pouco antes da meia noite. Avistamos, nas praias de cascalho branco, cerca de 250 mil pinguins magalhânicos buscando um lugar para a desova, enquanto o vento impetuoso marcava toda a inquietude dos da região patagônica. Com o sabor do dever cumprido, ainda tínhamos o retorno pra casa. Mas essa já é uma outra história. ■■